

Segunda Série

Ano I — Número 1

Janeiro — 1944 — Fevereiro



PORTUGAL EM AFRICA

REVISTA DE CULTURA MISSIONARIA

As aves em algumas superstições indígenas da Guiné e de Cabo-Verde

pelo Dr. António de Almeida

Professor da Escola Superior Colonial
Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura



AS maravilhas da Criação que, mais temporãmente, haveriam cativado o interêsse da humanidade, na aurora do seu aparecimento à superfície da terra, foram, sem dúvida, os animais alados e, dêstes, de modo especial, as aves. A variegada plumagem de que estas se revestem, o seu canto de cambiantes e infinitas modulações, a sua misteriosa reprodução, bem como a prodigiosa deslocação no ar, entre outras características morfo-biológicas, não podiam deixar de impressionar, vivamente, os nossos antepassados de há dezenas de milhar de anos.

Vivendo, a princípio, quãsi ùnicamente, para se alimentar e reproduzir, o homem de tão longínquas eras veria nas espécies ornitológicas apenas produtos apetecíveis; numa fase de maior adiantamento psíquico, já aproveitava as penas para proteger o corpo das agruras climáticas ou, ainda, para enfeitar-se, além de que, bom observador dos costumes das aves, breve imitaria suas vozes, menos por intuição artística do que com o objectivo de atraí-las e, mais facilmente, as captar.

A ânsia de penetrar os segredos da fecundação e dos meios locomotores das aves, nasceria, posteriormente, em épocas de apreciável progresso mental e espiritual quando, simultâneamente, porventura, as idéias religiosas cresceram e criaram vulto na psique da espécie humana — agora menos sujeita às exigências da vida material — tão sólida e tenazmente, que nunca mais a abandonariam até nossos dias e, de etapa em etapa cultural, a encaminharam para o apercebimento da noção exacta e perfeita do conceito de Deus.

Mas tal ascensão psicológica, se bem que lenta e difícil, nem sempre permi-

tiria aos nossos primitivos semelhantes compreender, suficientemente, as manifestações e particularidades da vida das aves com que convivia cotidianamente; baseado em simples coincidências, fortúitas e acidentais, e repugnando-lhe convencer-se da sua ignorância, o *homo sapiens* elaborou fantásticas explicações de fundo mágico-supersticioso, acarinhando ou repudiando certos géneros ornitológicos, consoante julgou terem-lhe dado algum dia motivos de alegria e bem-estar ou de tristeza e contrariedades.

Desde então, desenvolveu-se o culto de determinados animais alados e, de seus cantos, vôos e olhares, tiraram-se bons ou maus agouros, vindo a suceder que, mais tarde, os arúspices lessem o futuro nas entranhas de alguns daqueles seres vivos, supostos possuidores de atributos sobrenaturais.

Aferraram-se tanto estas idéias à mente da humanidade que, através das idades, muitas delas ainda hoje perduram, evidenciando-se análogas em sua traça e objectivos, no espírito de todos os povos, qualquer que seja a sua caracterização morfológica ou grau de cultura em que se encontram.

De facto, algumas dessas credices podem ser verificadas entre os naturais incultos e civilizados da Guiné e de Cabo Verde — gentes tão afins somática e etnograficamente; é essa a tarefa que nos propomos levar a cabo no presente artigo sobre um dos mais curiosos aspectos folclóricos do Império Colonial Português, reservando para outra oportunidade a interpretação do seu significado espiritual e etnológico.

Embora a criação das aves domésticas escassa atenção desperte aos naturais da Guiné e de Cabo Verde — territórios onde as há em grande quantidade, mas de pequeno tamanho, em tudo análogas às das várias tribos africanas — não surpreende que a carne de algumas delas faça parte de seus repastos; se os incultos Bijagós e Balantas, como os Yatengas (Tauxier), estimam comer galinhas mortas por doenças ou em estado de putrefacção — por vezes, mal assadas e com intestinos e penas — já aos indígenas muçulmanos é interdito servir-se de despojos destes animais sem que, previamente, os não hajam sangrado de harmonia com a liturgia corânica. Porém, nenhuma mulher mandinga, fula ou beafada ou de outra tribo, fiel sectária da religião de Maomé, se aventuraria a matar uma galinha ou sequer a repartir-lhe o corpo em pequenos pedaços, para não adoecer gravemente, abortar ou tornar-se estéril (Labouret, Tauxier) — a maior desgraça que pode acontecer às esposas das gentes atrasadas em civilização; pelo mesmo ponderoso motivo, as Fulas não ingerem ovos de galinhas, embora possam consumir a sua carne (Tauxier).

Entre os Manjacos e Brames, os pitéus de galinha reservam-se para mimos, a oferecer aos hóspedes de elevada condição social; não obstante todos os casais



(Cliché de l'Institut Français au Portugal)

RELÍQUIAS PORTUGUESAS EM TERRITÓRIO ARÁBICO
Mazagão — Cisterna portuguesa de 1541



(Cliché da Agência Geral das Colónias)

Tipos indígenas da Guiné Portuguesa

caboverdeanos possuírem galinhas domésticas, à semelhança das gentes da Metrópole, salvo em caso de enfermidade séria ou em dias festivos de maior monta, poucos são aquêles que comem a carne e os ovos dos galináceos, de cuja venda resultam apreciáveis proventos a bem da economia familiar.

Nenhum Manjaco se ausenta para fora do seu *chão*, sem previamente haver consultado a opinião do Iran — ídolo representado por uma grande árvore ou pau implantado no solo e enfeitado com um molho de palha — ocasião em que lhe sacrifica um galo; análogamente, os Bijagós, quando constroem gamboas, imolam uma galinha em honra de Nodô ou Uindô, a fim de que êle favoreça a multiplicação das espécies ictiológicas.

Não se observam em Cabo Verde nem na Guiné os combates de galos, um dos recreios favoritos dos Gregos e dos Romanos, o qual persistiu até à actualidade, no Oriente — terra natal dos galináceos — e em outros países mais civilizados — Inglaterra, Holanda e Alemanha; com o propósito de obterem as aves mais fortes e aguerridas, criam-nas em compartimentos isolados, alimentando-as com substâncias tónicas e excitantes.

Outrora, o ardor de uma luta de galos serviu de pretexto a Temístocles para encorajar os seus compatriotas, aterrorizados perante o potencial dos exércitos persas; vencidos êstes, em Salamina, reservou-se um dia especial para combates de galos, em homenagem aos animais instigadores da grande vitória dos Atenenses.

Igualmente, entre o gentio da Guiné parece não verificar-se a crença nos poderes mágicos dos galos, embora nas ilhas de Cabo Verde, e a exemplo da população do Continente — que tão eficientemente influenciou a antropologia física e cultural dos habitantes do Arquipélago — tais superstições ainda devem dominar os espíritos mais fracos.

Para muita gente culta da Europa, as feiticeiras — que, na Beira Alta, podem metamorfosear-se em galinhas pretas — recolhem a seus lares antes da meia noite, a hora dos encantamentos (Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos); se o galo cantar logo após o pôr-do-sol ou se o fizer quatro vezes antes das zero horas, presagia desgraça iminente (Beira Alta) ou a morte do dono ou de parente próximo, motivo por que, no Minho, um provérbio assegura: «galo que canta fora de horas, cutelo na garganta». E quando, em Bragança, uma galinha imita o cantar de galo, crê-se que adivinha grande desgraça, senão falecimento; por isso, no Douro, o rifão proclama: «galinha que canta de galo, quer o dono no adro» — o local onde, antigamente, inhumavam os defuntos.

De tôdas as variedades de galos, na Beira Alta, é o galo prêto romano aquêles que mais amiúde se cita nas práticas de feitiçaria. Se, ao morrer, uma ave-cantar, é porque alguém tem pena dela ou vai sofrer uma agonia longa; sonhar com aves, é sinal de dores morais a sentir e, se fôr com ovos, intrigas e aborrecimentos.

Também nenhum galináceo (ou outro animal doméstico) poderá deglutir um dente de leite, sob pena de não nascer outro para o seu lugar.

Conforme a tradição, a mãe de Tibério, a Imperatriz Lúcia, durante a gravidez, chocou em seu seio um ovo de galinha que, originando um pinto macho, denunciou o sexo do filho a dar à luz (Figuier).

Nada se tem dito sobre o emprêgo, na Guiné, dos pintainhos ou de galos adultos na cura de certas moléstias; em Cabo Verde (ilha do Fogo), applicava-se sangue de galo prêto no tratamento de antrazes (Lereno). No Brasil — nação para onde, no passado, foram conduzidos muitos naturais da Guiné e de Cabo Verde, — a applicação, no tórax, da massa feita com o corpo de um pinto, de quinze dias de idade, pisado vivo, demoradamente, num pilão, é terapêutica infalível no tratamento da pleurisia; também ali, como em algumas regiões da Metrópole portugueza, se pensa que, para obter rápidas melhoras de panarício, basta introduzir a parte infectada no corpo de um galo, recém-morto e esquarterjado (Gonçalves Fernandes).

Ainda, no grande povo irmão da América do Sul, se notam interdições que, embora aparentemente filiadas em preconceitos higiênicos e profiláticos, patenteiam, flagrantemente, a sua índole mágica. Assim, quem comer carne de galinha choca, expõe-se a ter sempre fome canina; matar um galo de terreiro é mau agouro, e se um rapaz apalpar uma galinha arrisca-se a não lhe crescer mais o bigode (Gonçalves Fernandes).

- Desconhecem-se quaisquer alusões à existência, em Cabo Verde e Guiné, do famoso *basilisco*, êsse réptil fabuloso que, segundo a opinião corrente, provém do ovo pôsto por um galo ao fim de sete anos de vida e, segundo a versão de alguns (Piracus), se origina no ovo expellido pela bôca do íbis sagrado e, segundo Aristóteles, resultante da associação do veneno de todos offídios comidos ou exterminados por essa venerável ave do Egipto e das regiões suas vizinhas.

Tal animal, de acôrdo com a crença dos Minhotos, Italianos, Ingleses, Franceses e Dinamarqueses, toma a forma de um lagarto repelente, que não tardará em assassinar com a vista o chefe da família, a quem pertencia o ovo que o gerou; do corpo do basilisco, todavia, supõe-se obter mēzinhas preventivas e curativas de assinalada reputação (Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos).

Íbis brancos ou pescadores, como os denominam os Bâmbaras — devido a poderem ser caçados à linha, provida de um isco envenenado (Rousselot) — e íbis negros ou sagrados também se observam na nossa Guiné, território sulcado de rios e canais e, por isso, propício ao seu *habitat*, onde não faltam moluscos, vermes, insectos, mórmente gafanhotos, animais de que, em especial, se nutrem.

Poucas aves existirão que hajam dado origem a tantas lendas e superstições como os íbis sagrados. Muito respeitadas pelos Árabes e Núbios, e elevadas à

categoria de divindade entre os antigos Egípcios, os íbis abundavam nas cidades do vale do Nilo e jamais eram abatidos ou comidos, sob pena de apedrejamento dos autores do desacato.

Quando morriam de velhice, seus corpos não deveriam putrefazer-se, razão por que, embalsamados religiosamente, se recolhiam dentro de vasos de barro, hermeticamente fechados, que depositavam em necrópoles apropriadas; nos poços da região de Tebas e de Mênfis e, nomeadamente, na planície de Sacara, têm sido encontradas numerosas múmias contendo restos das aves veneradas. Em obeliscos, templos e outros monumentos do Egipto — alguns dos quais se erigiram em sua honra — figura amiúde a representação do íbis.

Verificando-se o aparecimento das aves no princípio das cheias do Nilo, exactamente quando surgiam, arrastados na torrente, serpentes, crocodilos e outros seres daninhos vindos do interior de África, no Egipto acreditava-se em que, para os dizimar, os íbis visitavam, então, as margens do rio médio e inferior.

Segundo Heródoto, a affectividade dispensada a estas aves resultava do facto de elas aniquilarem, à entrada de um desfiladeiro, as serpentes aladas ou dragões que, tôdas as primaveras, seguiam o mesmo caminho da Arábia para o Egipto. Plínio alude à frequente utilização dos íbis contra as serpentes, contando Ovídio que Mercúrio, durante a grande metamorfose, se escondeu sob as penas de um íbis, na guerra feita aos gigantes; Moisés, conforme refere o historiador Josefo, haver-se-ia servido de dois íbis — transportados em gaiolas de papiro — na luta com os Etíopes, destruindo as serpentes, de que vinham acompanhados. O poder destruidor dos íbis sobre as serpentes e crocodilos era tamanho que bastava as suas penas para afugentar os répteis, caindo inofensivos ou fulminados, immediatamente, pelo simples contacto com a plumagem das famosas aves.

Simplesmente, os íbis não atacam as serpentes aladas nem os dragões e monstros quejandos, existentes apenas na imaginação dos antigos Egípcios; ajudavam, sim, a matar os gafanhotos que, partidos das regiões vizinhas e em nuvens compactas, invadiam o vale do Nilo (Bourrelet), e destruiriam as serpentes venenosas (Belon), se bem que o naturalista Savigny afirme que os íbis nunca poderiam atacar as cobras, tão frágil bico possuem, partilhando antes da opinião que filia o culto de que as aves são alvo na coincidência do seu aparecimento com o das inundações nilóticas, avizinhandose com estas o fim da estiagem, da miséria e das epidemias. Os íbis amavam tanto as terras egípcias que, no dizer de Eliano, poderiam morrer de fome mas não deixavam esta região.

Mas não só a versão fabulosa de Heródoto foi aceita e ampliada, sob vários aspectos, por outros escritores clássicos. Aristóteles reconhecia tais dons sobrenaturais aos íbis que os supunha sempre virgens, admitindo que fecundavam e faziam a postura pela bôca; Eliano assegurava que as fêmeas destas aves punham quatro

ovos, no tampo de palmeiras espinhosas, um em cada fase lunar, dado que os ovos dos íbis sendo consagrados à lua, hão de ser postos nas quatro septenas gastas pelo planeta em seus movimentos de rotação e em volta da terra.

Para Plínio e Juliano, aos íbis cabe o mérito de haver inventado os dis-teres, feitos com água salgada, no dizer de Plutarco; Zoroastro, Demócrito e Filon julgavam que essas aves atingiam longevidade extraordinária, se não a imortalidade (Apion). Se até por imperfeita tradução do texto grego para latim atribuíram aos íbis a honra de terem pés de gente!

Na Guiné e em Cabo Verde, a pintada (ou galinha do mato, da Índia, de Angola, do Senegal ou da Guiné), ave muito comum no estado doméstico ou selvagem, parece não ser protagonista de qualquer lenda indígena; contudo, os Tuaregues de Kel Tadele não comem nenhuma caça de penas, inclusive, as pintadas, apesar de a tal não obstar o Alcorão (Joubert). Entre os Gregos e os Romanos, as pintadas simbolizavam o amor fraternal; as irmãs de Meleagro, sentindo dor inconsolável pela morte de seu irmão, choraram tanto que, Diana, compadecida delas, as transformou nestas aves e, as lágrimas vertidas, salpicando a plumagem das galinhas, pintaram-nas, inventando-se assim o nome por que são vulgarmente designadas.

Outrora, em certas ilhas de Cabo Verde, viam-se bandos de 200-300 destas aves; as pintadas selvagens são caçadas a pau e com auxílio de um cão, esperando-as nos bebedouros.

Os Caboverdeanos não ingerem a carne de coruja, de mocho, de francelho ou peneireiro, de *passarão* (também chamado ali minhoto, Manuel Lôbo — em S. Tiago) e, muito menos ainda, a da passarinha, ou *passadinha* (como se diz em creoulo local), espécie de pica-peixe.

Como na Metrópole, também em Cabo Verde e na Guiné, os cantos da coruja e do mocho suscitam temor supersticioso, por prognosticarem morte ou desgraça iminentes; se os Italianos comem esta última ave e a utilizam como chamariz de pássaros — que tanto odeiam as espécies nocturnas —, na Índia, é a coruja tida como ente sobrenatural e, em alguns países civilizados, os ossos da ave, mergulhados em aguardente, constituem remédio heróico na terapêutica do alcoolismo vínico (Teófilo Braga, Leite de Vasconcelos). Ignora-se se, nas referidas Colónias, os mochos das matas são perseguidos pela gente do campo a ponto de, como na Europa, os exporem de asas abertas às portas das quintas.

O mocho, muito apreciado pelos Gregos — devido a sua serenidade e atitude de filósofo, valia tanta estima aos Romanos que o representavam ao lado da deusa da sabedoria — Minerva; hodiernamente, ainda a coruja é alvo de culto particular por parte dos Chineses e dos Tártaros, como preito de gratidão por haver salvado a vida a Gengis Khan. É que, quando o imperador mongólico, derrotado

fugia de seus inimigos, internou-se numa floresta onde piava uma coruja, à qual a presença de Gengis Khan não perturbara o canto.

Ao ouvirem-na, os perseguidores abstiveram-se de penetrar no bosque, convencidos de que se o fugitivo ali se tivesse abrigado, decerto, a ave haver-se-ia afastado do lugar.

Para os Mandingas, consoante informa Labouret, os feiticeiros gentílicos podem metamorfosear-se em mochos, a fim de, astuciosamente, se apoderarem do corpo e da alma das pessoas; evita-se êste grave perigo, prendendo ao pescoço ou cosendo às vestes das gentes talismãs ou amuletos protectores, identificados com escolhidos animais ferozes, que os mágicos vendem, ao mesmo tempo que preceituum orações e rituais, tabus alimentares, etc.

As corujas de África não são, como na Europa, erradamente incriminadas de beberem o azeite das lâmpadas das igrejas ou de comerem os ovos e os borrachos dos pombais; são as aves más dos Fulas (Rousselot), os papões ou lobishomens das crianças e dos adultos guinéenses. Sobrevoando quaisquer indivíduos, depois de se haverem espojado sôbre as sepulturas dos mortos, fazem-nos adoecer no dia imediato.

Outra ave bastante temida, na Guiné, por idênticas razões, assegura Rousselot, é o gran-duque cinzento ou fraque, espécie de cegonha — o marabu, como por zombaria os nativos apelidam êste animal, em virtude de se alimentar de noite, enquanto os sacerdotes maometanos só o podem fazer de dia, durante o Ramadan.

No antigo Egipto, queria-se quasi tanto às cegonhas como aos íbis, tão grande era a sua utilidade na destruição das víboras, vermes e demais parasitas, e na Grécia, ficava sujeito a grave castigo, por vezes, à morte, quem abatesse esta ave, da qual jamais ingeriam a carne.

Os Romanos consagraram as cegonhas à deusa Juno, dado que as aves jovens se encarregavam de alimentar as mais velhas e impossibilitadas de grangear o sustento, simbolizando assim a piedade ou o amor familiar (Plínio). À chegada das cegonhas, costumava-se matar veados ou carneiros, a fim de lhes oferecerem as entranhas, para êsse propósito depositadas nos jardins ou em outros lugares públicos.

Todo o Pele-Vermelha que abater uma cegonha perde o direito de caçar e, bem assim, o título de guerreiro, ficando-lhe vedado, igualmente, pisar o local dos combates.

Ainda hoje se acredita, entre alguns povos da Europa, em que é de bom prenúncio esta penalta fazer ninho no telhado de uma habitação; na Alemanha e Holanda, não só lhe põem velhas rodas de carro, caixas e outros recipientes nos telhados como também um pau ao alto, para que as cegonhas ali venham aninhar, sendo lícito a qualquer pessoa que vir maltratar as aves, agredir o autor do delicto.

Estes interessantes animais são extremamente ciumentos, e capazes de sacri-

ficar a vida pela de seus filhos, e domesticadas, estimam o dono, vivendo em liberdade como os galináceos.

O marabu é pernalta tão venerada na Índia como os íbis no Egipto (Dussoumier). Em Calcutá e em Chandernagor, pagava pesada multa quem matasse um marabu; é que se alimentavam de cadáveres flutuantes nas águas do Ganges e dos detritos e imundícies das ruas e das habitações, aonde entram afoitamente. Para os Egípcios, os marabus são bons auxiliares da pesca, porquanto espantando-os de uma para outra margem do Nilo, obstam à ingestão dos peixes recém-pescados no rio.

Faltam os elementos elucidativos àcerca da faculdade que, por ventura, o peneireiro tenha, em Cabo Verde, de profetizar o mau tempo; na Beira Alta, esta ave de rapina, como o assobio do estorninho (pássaro também existente no Arquipélago), em Leiria, anuncia chuva, sempre que se posta num sítio da atmosfera e, voltado para o ponto donde sopra o vento, não cessa de mover as asas, como se peneirasse.

A semelhança do que se passa na Metrópole com a andorinha das chaminés — que os Italianos comem como, aliás, a tôdas as aves a que adreguem lançar mão (a qual, entre nós, ninguém molesta, sob pena de infortúnio, sendo de bom agouro quando aninham nas habitações, e anunciando a chuva e às vezes tempestades, se voam rasteiramente à terra) — a passadinha, pássaro, ao que parece, indígena de Cabo Verde, considerada ave sagrada, por nenhuma pessoa é ofendida no Arquipélago, para não ficar amaldiçoada; tão grande veneração pela ave deriva não só dos serviços prestados à agricultura — alimenta-se de insectos e outros parasitas — como ainda, e principalmente, por esta espécie alada dar as notícias a quem a interrogue quando, de manhã cedo, em o vôo rápido e curto, aparecer a cantar, com voz penetrante: ki, ki, ki, ki! Se persistir em seus gorgeios, é sinal seguro de boas novas, em geral, dos emigrados ou dos pescadores que andam no mar, vaticinando más notícias se se mantiver calada.

Dentro de acanhados faluchos ou batéis de vela latina — análogos às embarcações costeiras do Mediterrâneo, das quais os Caboverdeanos herdaram o nome e os moldes — os marinheiros ilhéus aventuram-se à pesca no mar-alto; por adormecimento dos tripulantes ou imperícia na arte de navegar, amiüdadamente, êstes barquitos desaparecem na imensidão atlântica. Durante meses e meses, seus parentes esperam, em vão, a vinda dos pescadores, acabando por se conformarem com a desgraça augurada pela passadinha...

Se os corvos marinhos da China, hàbilmente industriados, fazem boas pescarias e, obedientes, trazem os peixes a seus donos — já que um anel metálico pôsto ao pescoço os impede de engulir a prêsa; se os corvos, em certas regiões, são tidos como bárbaros carrascos dos búfalos — aos quais extraem, primeiramente, os olhos

e, a seguir, vão, a pouco e pouco, devorando todo o corpo do animal (Buffon); se os corvos, desde a mais remota antiguidade, merecem ser apodados de aves agourentas, adivinhadores do futuro e, nomeadamente, de calamidades — que os arúspices prognosticavam, observando os seus movimentos na atmosfera ou analisando a gama de sons do seu lúgubre grasnar (Figuier); se os corvos são aves sagradas para os Árabes e muito estimadas pelos Irlandeses e Groelandeses; se os corvos eram consultados pelos Gauleses sempre antes de realizar qualquer expedição importante; se os corvos, por haverem norteado S. Vicente até a Lisboa, ascenderam à dignidade de receber o nome do Santo e de figurar nas armas da capital e até, por tão obsequioso préstimo, dois membros da sua espécie continuam a ser, zelosamente, tratados nos claustros da Sé ulissiponense, onde se acoutam; já os corvos de Cabo Verde que, ousadamente, pousam sobre os jumentos e porcos, se apontam agora apenas pelos desmarcados danos que causam à agricultura creoula, no decurso das sementeiras do minho.

Bandos numerosos destas aves negras pousam sobre os campos, e, sôfregamente, desenterram as sementes, depositadas em covas com poucos centímetros de profundidade.

Encarregam-se de afugentá-los os rapazes e alguns adultos, missão que é desempenhada ao nascer do sol, com gritos, cantos, bater de palmas, arremêso de pedras à mão ou com funda e, com o ruído do *tchá-paláti* — designação onomatopaica dada a um objecto de corda, terminado em fios, aos quais se imprimem movimentos giratórios e de repelão muito rápidos, produzindo-se estalidos (Gomes Barbosa).

Apesar de esta algazarra tão típicamente caboverdeana e animadora dos campos nesta quadra agrícola, não se impede que os corvos se apossessem da maioria dos grãos, tendo de fazer-se, muitas vezes, nova sementeira do milho.

(*Continua*)

